

G I L
V I C E N T E
C O M P Ê N D I O

COORDENAÇÃO DE
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
E JOSÉ CAMÕES

Coimbra Companions

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
IMPrensa NACIONAL

XI

Gil Vicente: religião em teatro

Maria Idalina Resina Rodrigues

UNIVERSIDADE DE LISBOA

(Página deixada propositadamente em branco)

A ABRIR

Restringindo-me a um circuito pelos autos «de devaçam», e sem secundarizar o facto de quase todos eles terem sido compostos para dias que alertavam para determinadas escolhas temáticas (Natal e Páscoa), foi-me possível, julgo, delinear umas quantas prioridades na atitude religiosa do dramaturgo cristão que deu pelo nome de Gil Vicente.

Não se trata de proclamar surpresas nem de ajuizar das opções feitas, mas apenas de tentar encadear entre os diversos textos (sem obediência à cronologia) preferências, recomendações e esclarecimentos que a trama habilidosamente urdida de cada auto nos leva a interiorizar sem nos dispensar da abertura para matrizes estético-literárias que, através dos tempos, tanto têm cativado espectadores e leitores.

Adiantemos, de forma sucinta, um revelador esquema do que de seguida mais demoradamente retiraremos de uma boa parte da *Copilaçam*.

Ter fé, sem pesquisar nas razões para tal, e aprofundá-la através da oração parece essencial; acudir ao socorro da Igreja para vencer fraquezas é meio caminho andado no rumo para a salvação; privar com os grandes Mestres do Antigo e do Novo Testamento e com os santos do Cristianismo é reforçar a sabedoria que importa alimentar.

Quem crê e não ignora (ou tem obrigação de não ignorar) as implicações que isso lhe traz, está obrigado a menosprezar os bens do

mundo, a dar mostras de combater o pecado, a fugir das tentações e a estar sempre preparado para o inevitável julgamento final.

Todo aquele que se diz cristão tem de procurar e conhecer melhor Jesus, pensar no que ele amou e sofreu por nós e aliar-se como ele à Virgem sua mãe que, de coração aberto, se entregou a júbilos, afazeres e dores de um destino, que para ela estava traçado, e tanto e tão piedosamente nos atende.

Para tal, não importa a categoria social ou a posição na escala eclesial; cada um exteriorizará o seu sentir do modo e com as palavras que mais se adequarem aos seus impulsos de homenagem aos dons recebidos.

FÉ É CRER O QUE NÃO VEMOS

Gil Vicente era certamente um homem de fé, dessa Fé que, em 1510, lhe ocorreu corporizar num auto «de devaçam» e que, mais tarde, embora com menor abrangência, iria recolher como companheira da Virgem Maria, na bem conhecida representação da *Mofina Mendes* (1515?, 1534?).

Em *Fé* ela autodefine-se, liga-se a Cristo e à Igreja, leva as suas convicções a quem pouco convicto está, sempre deixando adivinhar uma alma com apetência para o amor a Deus e a tudo o que o comunica.

Ouçamos como se identifica:¹

Fé é crer o que não vemos	129
pela glória que esperamos	
amar o que não compreendemos	
nem vimos nem conhecemos	
pera que salvos sejamos.	
(I, p. 80.)	

E fixemos parte do programa que com os pastores partilha:

¹ As citações serão feitas pelo volume I da edição *As Obras de Gil Vicente*, Lisboa, Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

E se mais queres saber 142
 crer na madre igreja santa
 e cantar como ela canta
 e querer o que ela quer.
 (I, p. 80.)

Aquela é a cruz preciosa 154
 pera sempre esclarecida
 pera os perigos desta vida
 e nau da salvação nossa.
 (I, p. 81.)

Haveis de crer firmement 212
 tudo quanto vos disser
 os que salvos quereis ser
 naquesta vida presente.
 Crede o santo nacimiento
 ser Deos de virgem nacido
 verbo de Deos concebido
 pera novo testamento.
 (I, p. 83.)

Ouvindo-a, os pastores que a interrogam (e os que a ouvem e os que leem o que disse) ganham inequívoca segurança para progredir na sua devoção, alheios a argumentos racionais, amar a Deus (só por ele), crer na Madre Igreja Santa, confiar no Messias, Redentor divino, venerando a cruz que atualiza o seu martírio, saboreando o exemplo da Virgem, boa, e grandiosa.

Benito e Brás gratos e convencidos, a seu pedido, naquela noite de Natal e, no interior daquela capela, partem a magicar no presépio que se irá montar e não mais se alhearão daquela criança, que um dia será crucificada, nem da sua protetora mãe.

Bem-dispostos, com o companheiro Silvestre que entretanto chegara, cantam uma *enselada* porque esse cantar, por certo pouco erudito, é o que

mais os entusiasma, e Gil Vicente sempre defendeu que a fé a exprime cada qual à sua maneira².

Na *Mofina Mendes*, a figuração reaparece, não como mestra isolada mas como aia da Virgem; seja como for, está sempre mais informada das coisas de Deus do que as suas companheiras; o introdutor apelida-a mesmo de *Fé per excelência*³.

Sem hesitações, mostra conhecer os avisos dos grandes vultos do Antigo Testamento sobre as virtudes de Maria e as condições do nascimento de Jesus, sendo a ela que a Senhora recorre antes de uma resposta ao Anjo Gabriel.

Fé dizei-me vosso intento / que este passo a vós convém, solicita ela, dando provas de grande perturbação por se considerar indigna de abrigar no seu seio o Senhor do universo⁴.

Mais adiante será companheira de José na busca da luz e, como ele, crítica do desinteresse dos homens pelos valores do espírito.

A ela voltaremos sucintamente, mas não sem recapitularmos a sua primeira advertência, em evidente consonância com o que, anos antes, de si mesma dissera:

Senhora o poder de Deos
 nam se há d'eixaminar.
 (I, p. 120.)

CRER NA MADRE IGREJA SANTA

Contudo, se a fé dá energia e orientações para os espinhosos trilhos desta vida, estejamos certos de que há ajudas que não podem ser retardadas porque as tentações são muitas e, por vezes, muito convincentes, sobretudo se está em causa o apego aos lucros materiais e a habilidade dos tentadores (há anjos e diabos, no circuito de todos nós).

² Op. cit., p. 87.

³ *Ibidem*, p. 114.

⁴ *Ibidem*, p. 119.

Para o retemperar dos solavancos e das cedências lá está à nossa espera a Igreja, depositária fiel dos mandados daquele Cristo que encarnou, viveu e, sobretudo, morreu por nós.

Isto nos ensina a *Alma* (1518), onde, após os tropeções de uma longa jornada controlada pelos prazeres da Terra (o demo tudo lhe oferece em gozos, vestes e adornos bem ao gosto feminino), a já despojada viajante encontrará a santa tranquilidade com que os alegóricos manjares a confortarão de quedas e indecisões.

Espera-a, acompanhada pelo Anjo, a própria Igreja e os seus santos doutores: Santo Agostinho, que logo de início nos adverte da fraqueza humana e assinala o modo de a compensar, São Jerónimo, Santo Ambrósio e São Tomás, talvez o menos interventivo.

E, possivelmente porque se trata de uma representação de Quinta-Feira Santa, é com a simbólica recapitulação do sofrimento do Senhor por uma humanidade em risco, atualizado através de visualizáveis objetos, um a um explicados, que a já semiconfortada peregrina se vai encontrar.

O seu arrependimento merece consolo, a sua entrega à Madre Igreja merece perdão:

Conheço-me por culpada
496
e digo diante vós
minha culpa
senhora quero pousada
dai passada
pois que padeceu por nós
quem nos desculpa.
(I, p. 203.)

A verónica, os açoites, a coroa de espinhos, os cravos, o crucifixo, o túmulo são então sucessiva e lentamente reverenciados, como apelos, pontuados por belíssimos hinos, uns mais conhecidos do que outros, mas todos proclamando a glória de Deus, a paz e o exemplo bem aceite.

Ordenem-se, pelo menos, os seus nomes: *Vexila regis prodeunt, Salve sancta facies, Ave flagellum corona, Dulce lignun dulcis clavus e Domine*

Jesu Christe, todos entoados pela Igreja e pelos seus Doutores, sempre de joelhos, em atitude de manifesto amor a um legado de que se esperam todos os frutos⁵.

A pôr termo à reparação, esperamos que definitiva (mas o Diabo está à espreita), da reconhecida pecadora, *todos com a Alma cantando Te Deum laudamus foram adorar o muimento* (I, p. 213).

Gostaria que não passassem despercebidas a sinceridade e a justeza da contrição desta Alma pois, insisto, nos autos vicentinos de reconciliação entre o humano e o divino, a piedade de Deus não falha, mas supõe sempre o reconhecimento do erro.

Se as figuras da *Barca do Inferno* (1517) ficam quase todas entregues ao vingativo barqueiro, deve-se isso ao facto da sua apetência dos instrumentos terrenos que até admitiam levar consigo para o outro mundo: o Fidalgo não quer prescindir da sua cadeira, o Onzeneiro está agarrado ao seu bolsão, o Sapateiro aparece carregado de formas e até o Frade desejaria transportar consigo a sua Moça.

Ora a verdade é que só um Parvo, que nada teve e nada procurou, comove o Anjo, além daqueles que as suas vidas colocaram ao serviço de Cristo e junto dele chegarão sem detença:

Sois livres de todo mal	843
santos por certo sem falha	
que quem morre em tal batalha	
merece paz eternal.	
(I, p. 242.)	

Perguntamo-nos, então, todos têm de se apresentar ao Senhor completamente limpos?

Tem a promessa de mudança de dar provas inequívocas no contacto imediato com os mensageiros do alto?

Talvez não. Para muitos haverá mesmo que purgar e dar tempo ao tempo, como acontece a certos recém-falecidos que esperarão na ribeira pelo

⁵ Op. cit., pp. 206, 210, 211, 212, 213.

chamamento de novo barqueiro no denominado auto *Purgatório* (1518), onde apenas um Menino é levado para o céu, e um Tافل para o Inferno.

Já na *Barca da Glória* (1519) todos serão recuperados tantas e tão cabais mostras da sua autoflagelação moral são capazes de arrecadar; mas sobre esses conversaremos mais adiante.

...*QUE CUMPLES LAS PROFECÍAS*

Traçadas algumas vias para que a fé frutifique e se aliem as responsabilidades do homem com a disponibilidade de Deus e com as tarefas nunca recusadas da Igreja, é talvez a ocasião de acudirmos à antecipação do Antigo Testamento como afirmação de princípios que, com a sua consistência, ajudam a credibilizar eventos e sentimentos.

É muito vulgar nas obras «de devaçam» o regresso a patriarcas, profetas e salmistas que adiantaram inquietações e apontaram para feitos então vindouros mas em tempos cristãos já plenamente confirmados.

Isto, a par de informes quanto aos primeiros dos primeiros sobre os quais ouviram e retiveram nomes e parentescos (Eva, Adão e Abel, por exemplo) ou profecias anteriores às suas no caso dos mais modernos.

Alguns são quase protagonistas, outros passam rapidamente, de outros ainda se repetem pareceres que vêm a propósito de certas passagens dos entrecos.

Assim é que, muito a propósito mas apenas como breve apontamento, chegam até nós ecos de Miqueias, Jeremias, Daniel, Elias e, por ventura, de alguns mais.

E assim é que o nosso entendimento com outros se torna parte de uma consonância alargada com gente de longínquas épocas e anseios.

Sem que esta ordenação seja obrigatória, comecemos com Jacob, Moisés e Isaías que, embora afastados na cronologia bíblica, Gil Vicente reúne como íntimos na *Sebila Cassandra* (e deles ainda não nos separaremos) e como companheiros na hora da morte ou mesmo já a purgar, com a esperança da salvação, na *História de Deos* (1526?, 1527?, 1528?).

No auto de 1513, Moisés e Isaías são talvez mais escutados do que Jacob que, normalmente, apenas os secunda; dos dois, o mais antigo, depois da

saudação dos três, inicia com rispidez o seu discurso com a defesa do casamento como primeiro sacramento e, para melhor se justificar, recapitula a sua informação sobre a criação do mundo (como no *Genesis*, claro), mais ou menos ordenada pelos sete dias, incidindo na ligação homem-mulher como o Criador a concebeu (Adão e Eva unidos para sempre); já Isaías amplia as perfeições de Maria, humilde e formosa como as flores e as estrelas, pura e sem mácula como tinha de ser a mãe do Deus incarnado.

Durante as lucubrações de todos eles com as Sibilas, com Cassandra e com Salomão, cumpre-se inesperadamente o anúncio da natividade aguardada e quatro anjos cantam ao Menino.

Acorrendo sem demora ao presépio, os interlocutores podem confirmar a verdade das antigas previsões e saudar deslumbrados o recém-nascido:

Adórote santo mesías	721
en mis días	
y para siempre te creo	
pues com mis ojos te veo	
en tal aseo	
que cumples las profecías.	
(I, p. 71.)	

Na *História de Deos*, os propósitos de Moisés e de Isaías não são muito diferentes dos anteriores; o mais antigo aclara de novo, ainda que mais brevemente, os trâmites da criação, com a novidade de nela introduzir a *santa trindade* e de a si próprio se antever como autor do Pentateuco (os cinco livros), Isaías referencia o nascimento do Messias e as excelências de Maria, mas também se comove com a certeza da sua dolorosa morte, segundo ele igualmente chorada por Jeremias⁶.

Quanto a Abraão, mais individualizado agora antes das falas dos companheiros, implora a descida de Deus a uma humanidade que perdeu o seu siso e venera *deoses de palmeira*⁷.

⁶ Op. cit., p. 313.

⁷ *Ibidem*, p.312.

Na *História de Deos* precede São João Batista e nas suas palavras muito há dos nunca envelhecidos poemas, numa contaminação de louvores e preces, de protestos de contrição e rogos de salvação.

Uma salvação que está assegurada e que o nosso dramaturgo aduz em seus dizeres como profecia muito concreta da vinda do Messias e do seu sacrifício pelos homens, elencando situações que o Novo Testamento adotaria como fundamentais.

No seu *salteiro*, segundo revela aos presentes, David louvou as maravilhas do Senhor, deu os sinais do nascimento do Menino Deus e entristeceu-se com a morte injusta já, como foi dito, tão dolorosamente sentida por Jeremias e Isaías:

Eu também o sei mui certo sabido 657
serão suas mãos e pés mui furados
e todos seus ossos lhe serão contados
e deitarão sortes sobre seu vestido.
(I, p. 314.)

Curiosa é também a sua aparição no final de *Quatro Tempos* (a. 1521); com traje de pastor, o salmista é simultaneamente o arauto e um dos que prestam culto ao recém-nascido, ou, se preferirmos, aquele que canta com entusiasmo a confirmação dos seus anúncios.

Como outrora, em muitas composições (o salmo 148 é sempre citado), apela para que toda a terra, o céu, os homens, os animais e os astros bendigam o seu Criador, como outrora afirma libertar-se dos seus erros (salmos 51 e 69), seguro de que isso é o que mais agrada a Deus.

Só que agora o faz diante do próprio Messias, no presépio, sem os tradicionais presentes pastoris porque está certo de que o material pouco interessa e de que a limpeza interior é a maior das prendas que pode dar ao Menino Deus.

El espíritu atribulado / y el corazón contrito são os penhores do seu amor e da sua confiança⁹.

⁹ Op. cit., p. 109.

Quanto a Salomão, a quem também devemos uma palavra, o que dele mais se retém é a apropriação aos contextos de versos do seu *Cântico dos Cânticos*; para eles alertaremos.

Não podemos, no entanto, esquecer a sua presença na *Sebila Cassandra*, como pretendente a noivo da protagonista (talvez não seja casual a opção do dramaturgo, pensando no conteúdo do seu cantar bíblico); apesar do seu rústico falar, é considerado pelas sibilas um garboso jovem e um bom partido:

Es generoso 254
 y vertuoso
 cuerdo y bien asombrado
 tiene tierras y ganados
 y es loado
 músico muy gracioso.
 (I, p. 58.)

Sobre a Virgem, segundo Moisés, muito tinha profetizado nos seus poemas, saudando a sua perfeição, a sua mansidão sem mácula.

IRMÃOS CUMPRE-NOS SABER COMO HAVEMOS DE ORAR

Assim como alguns dos grandes vultos do Antigo Testamento apenas são ao de leve mencionados, assim também de certos doutrinadores cristãos apenas temos pontualíssima menção.

São Paulo, São Bartolomeu, São Gregório, São Bernardo, São Boaventura, Santo Alberto Magno e alguns mais são nomeados como apoios para rápidos pareceres.

Com outros, o caso é bem diferente.

Se, como venerados Mestres desta Igreja que nos guia e apoia, os grandes responsáveis pelo legado do Antigo Testamento têm jus ao agradecimento de Gil Vicente, que dizer de certos santos cristãos perante os quais a Igreja Católica se inclina e os crentes se confortam?

Não passarão, claro, sem uma chamada da atenção; no entanto, importa reconhecer que diferentemente de alguns (quase) contemporâneos, o nosso dramaturgo não foi atraído pelos autos de santos: apenas São Martinho, por circunstâncias conjunturais, muito de fugida, lhe mereceu a individualização de um milagre que o seu público não ignorava (1504).

Apuremos então algo sobre preferências no santoral vicentino, sem submissão a diretivas cronológicas.

Como impulsionadores da ação ou, pelo menos, com ela colaborantes, a escolha do nosso autor (e do homem que o impulsiona?) vai decididamente para os mais antigos (destes, só São Tomás viveu no século XIII) que uns aos outros realmente se sucedem nesta ordem temporal que inverteremos: São José, São João Batista, os discípulos de Cristo, Santo Agostinho, São Jerónimo, Santo Ambrósio, estes três de entre os séculos IV e V. E, se algum há a destacar, esse será, penso eu, Santo Agostinho.

Na *Alma*, ele apresenta e põe termo à linha argumental, é quem melhor parece compreender a romagem atribulada da protagonista, ora motivada pelos apetites terrenos, ora impelida pela solicitude do Anjo, é o interlocutor preferencial da Igreja cuja missão longamente descreve e elogia, o escolhido para a oração da abertura da celestial refeição cuja mesa abençoa, o comentador das mudanças que se vão operando e aquele que mais se regozija com a troca dos enganamentos diabólicos pela submissão aos desígnios divinos:

Ó alma bem aconselhada 785
que dais o seu a cujo é
o da terra à terra
agora ireis despejada
pola estrada
porque vencestes com fé
forte guerra.
(I, p. 212.)

De ora avante, com ele confiamos em que tudo serão progressos no firme avanço da outrora hesitante protagonista (sempre a fé no seu papel de principal adjuvante).

Com Agostinho e com a Igreja colabora assiduamente São Jerónimo a quem é confiada a mostra e a identificação evangelicamente direcionada dos manjares remissores, as quatro iguarias que retratam as dolorosas fases da paixão, deixando para final a piedosa adesão ao crucifixo, após a misericordiosa (antes indigitada) chamada de atenção para os açoites, para a coroa de espinhos e para os cravos com que foi martirizado o Salvador que a todos assim facultou a entrada no reino celestial.

Santo Ambrósio pouco fala e pouco se autodiferencia, a não ser no recuo, que facilmente adivinhamos, para as lamentações de Jeremias *sobre o monte de Sião* e de São Tomás nenhuma palavra ouvimos (a fé pouco tem a ver com a razão?)¹⁰.

Poderemos notar a falta de São Gregório, pois com Agostinho, Jerónimo e Ambrósio era realmente ele quem perfazia o número dos quatro doutores da Igreja Latina; São Tomás apareceu, evidentemente, mais tarde e, na verdade, o «doutoramento» só lhe foi atribuído em séculos posteriores, mesmo até anos depois de Gil Vicente e muitos como tal o considerarem.

Mas teatro não é catecismo, mesmo quando persegue fins idênticos.

Alterando o tempo cristão, avistamo-nos com seis discípulos que acompanham o *Mestre na Cananea* (1534): Pedro, João, Tiago, Felipe, André e Simão, entre os quais naturalmente se distingue o primeiro a quem os outros, pela voz de São Tiago, encarregam, quando entram em cena, de diretamente aprender de Jesus a metodologia da oração:

Irmãos cumpre-nos saber	266
como havemos de orar	
e quando houvermos de rezar	
que havemos de dizer	
pera nos aproveitar.	
(I, p. 347.)	

Pedro aceita a incumbência e adianta-se:

¹⁰ Op. cit., p. 209.

cuidados homens que começa por metaforizar nas serpentes, nos dragões, nos lobos, nas pombas bravas e nas raposas, e termina num apelo a todos os mortais da terra para que se disponibilizem para o encontro com o *agnus Dei* / *que veo ao mundo tirar os pecados*, negando ser ele o esperado Messias ou sequer Elias, mas apenas a voz *clamante em deserto*¹¹.

Leva-o a Morte e a sua missão continuará no limbo onde espalhará a confiança por quantos lá vão penando.

Resta-nos São José, de todos os santos o que primeiro conheceu o Messias acabado de entrar no nosso mundo.

Os Evangelhos pouco nos dizem dele, mas o que dizem, especialmente São Mateus, retrata-nos o homem bom, crédulo e incapaz de culpar Maria pela sua gravidez.

Gil Vicente, é óbvio, também pouco nele se detém, mas, na *Mofina Mendes*, ele é, como dissemos, o seguro companheiro da Fé em busca da luz verdadeira para alumiar o presépio; busca infrutífera porque os despreocupados mortais a ignoram (ou dela se desinteressam), presos como estão a outros valores materiais, sejam eles leigos ou religiosos.

Triste e indignado, José proclama então na última das suas breves falas:

Senhora não monta mais 630
 semear milho nos rios
 que querermos por sinais
 meter cousas divinais
 nas cabeças dos bogios.
 (I, p. 130.)

Mas esperamos que depressa perca os receios, quando a Prudência a todos convence que o nascituro será a própria claridade e de iluminações artificiais não sentirá a falta.

11 Op. cit., pp. 318, 317.

FILHA MADRE ESPOSA

Especial, porque a cada passo sinalizada, é a carinhosa presença (não necessariamente física) de Maria com a qual o dramaturgo tão expressivamente atrai as suas personagens para o indispensável agradecimento.

Para dar vida a essa aproximação já poderíamos ter aproveitado algumas estrofes da *Fé*; nelas se nos apresenta a humilde, graciosa e sempre atenta mãe do Menino Deus no presépio que os rústicos são aconselhados a imaginar.

Parece-nos, no entanto, que tão forte devoção apelava a uma solidariedade entre as peças que melhor e mais demoradamente a trazem até nós, ligando uns aos outros apartados que, entre a diversidade do arranjo cénico e a parcela de protagonismo, a vão dando a conhecer por diferentes ângulos, escalonando a sua intervenção por ordem decrescente.

Começamos então com uma Maria pessoalizada entre companheiras, um Anjo, pastores e São José.

Os Mistérios da Virgem terá sido o nome de batismo do auto (1515? 1534?), mas a simpática e desvairada Mofina Mendes, que jamais esqueceremos, crismou-o sem apelo nem agravo.

A peçazinha em questão é, talvez, uma das últimas representadas de Gil Vicente e única onde a Virgem figura no elenco de gente atuante na primeira e na terceira partes, deixando para a camponesa descuidada (talvez o seu reverso) a parcela intermédia do texto.

Maria traça como rainha mas no seu perfil interior só a modéstia e a piedade reinam. Não é por acaso que as suas *criadas* dão pelos nomes de Pobreza, Humildade, Fé e Prudência; já o Frade, que faz a introdução, nos anunciara que *com elas de menina foi criada*, pelo que a intimidade é longa e a empatia também; de início, as leituras, de que estão encarregadas, nem sempre lhes distinguem as funções, mais adiante poderá verificar-se que se completam sem se atropelarem, de acordo com as designações que receberam; apenas da Fé, que de trás conhecíamos, podemos admitir, desde já, que é a mais sábia porque só ela tem o condão de interpretar certos aparentes enigmas da Escritura como as referências

à *sarça ardente*, a que aludira Moisés, e à *escada* que vai para o céu que nos apresentara Jacob¹².

À Senhora prestam serena e respeitosa contos dos escritos que vão percorrendo, escritos de sibilas e profetas sobre o aparecimento de Deus entre os homens com uma virgem como mãe (palavras de Ciméria) em escassas condições de acolhimento (Pobreza); a Cassandra atribuem a visão do aparecimento a César Octaviano, a Isaías de novo a conciliação entre a virgindade e a maternidade, sendo ele com Moisés e Jacob os primeiros sinalizadores da habitual aliança com o Antigo Testamento.

Aos três são atribuídas curtas menções a um futuro que tem tanto de enigmático como de esperançoso, mas, na verdade, é Salomão que mais as (e nos) ensina quanto aos atributos inigualáveis de Maria que os velhos textos nos legaram, só a pouco e pouco ganhando espaço os contornos antes afiançados do nascimento preconizado.

Recolhem então a Humildade e a Prudência a lição lírica e arrebatadora do *Cântico dos Cânticos*, com versos em latim e em português que muitas orações retiveram e as festividades de Nossa Senhora não deixam de lado.

Percorremos, assim, a simbologia das flores e dos campos (*das flores mais linda flor / dos campos o mais fermoso*), de olhos especialmente postos no lírio e na rosa (*plantacio rosae, lilium gracioso*), saudamos a tradicional mansidão da pomba (*mansa columba Noe*) e sensibilizamo-nos com o efeito expressivo da luz (*estrela a mais lumiosa*), sem que falte o *bortus conclusus* que tantas vezes virá ter connosco¹³.

Deste modo recebem aquelas leitoras, e nós com elas, o retrato imagístico da esperada mãe de quem também se nos aprecia encomiasticamente a alvura (*alva sobre quantas foram*) e a magia dos cabelos (*e seus cabelos polidos / são fermosos em seu grado*)¹⁴.

Tanta virtude e tanta beleza não podem deixar de atrair Maria que, sem se adivinhar naquelas palavras, segue as reconfortantes leituras exclamando com ansiedade:

12 Op. cit., pp. 114, 116.

13 Op. cit., p. 117.

14 *Ibidem*.

Oh se eu fosse tam ditosa 205
 que com estes olhos visse
 senhora tam preciosa
 tesouro da vida nossa
 e por escrava a servisse.
 (I, p. 117.)

Palavras ditas e, inesperadamente, desce até ao piedoso grupo o Anjo Gabriel.

Tantas vezes artisticamente lembrado, e particularmente do agrado do teatro medieval e quinhentista que, direta ou indiretamente, lhe deu vida duradoira em cena, o excerto de S. Lucas relativo à Anunciação adivinha-se sem dificuldade no diálogo entre o mensageiro e a Virgem.

Ele saúda a *divina rosa, chea de graça graciosa* e, a pouco e pouco, vai-lhe passando o seu recado, ou seja, vai-lhe dando conta dos dons que ela parece desconhecer e participando-lhe a decisão do Todo-poderoso de a fazer progenitora do Altíssimo que à Terra vai descer¹⁵.

A Senhora perturba-se, não se identifica com a donzela sem pecado e até, porque conserva intacta a sua virgindade, julga impossível o seu sim para uma maternidade.

E vai então consultando as criadas, desta feita já associando o nome e a função; de início são a Humildade e a Prudência as mais interrogadas; a pouco e pouco vão tentando convertê-la às razões do Anjo a que pressurosamente aderem; no final, porém, e numa curta réplica, será a Fé a rematar a conversa ensinando que Deus decide e tudo pode.

O caminho está traçado, há que segui-lo sem desconfiança e com energia. A resposta é breve.

Ecce ancila domini / faça-se sua vontade, Maria está nas mãos do Senhor¹⁶.

Quando reaparecer, depois do episódio da Mofina Mendes, já a ouvimos a louvar serenamente o Menino que irá nascer. E nesta atitude prosseguirá quando ele já tiver entrado neste nosso mundo.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ Op. cit., p.120.

No anúncio, insiste no seu poder transformador, simultaneamente severo com os inimigos (*sairás ao campo mundano / a dar crua e nova guerra / aos imigos*) e generoso com os homens de boa vontade; admira-lhe o poder, a coragem, a submissão que aos anjos merece¹⁷.

Já com o Deus Menino junto de si, e enquanto a Fé e São José partem em busca daquela vela, que não encontrarão, a Virgem entoa com a Prudência e a Humildade um salmo construído sobre o que leva o número 148 no Antigo Testamento e é cantado na missa da meia-noite do Natal, com o acrescento de uma comovente sugestão ao portal de Belém e o apagamento da preferência divina pelo povo de Israel (os tempos e os lugares são outros).

Neste magnífico conjunto de estrofes, todo o orbe é chamado a dar graças ao Senhor, desde os anjos, o sol e a lua, as águas, os relâmpagos e as trovoadas, os abismos da terra e os animais até *totalas gentes* que neste universo habitam¹⁸.

De seguida, temos já a partida para o templo de Jerusalém, com os anjos e os pastores, que foram chegando, a cantarem e a bailarem.

Se não se desdobra, como na *Mofina Mendes*, diante de nós em demonstrações de ansiedade e perturbação, de disponibilidade e regozijo, Nossa Senhora nem por isso se ausenta dos mortais; resta-lhe e restar-lhe-á o poder da aparição e a incitação velada ao culto à imagem.

É o que nos ensina o *Pastoril Português* (1523), onde uma descabelada conversa de pastores, de amores trocados e votos desencontrados, é interrompida por uma camponesa que relata, excitada e muito segura de si, a conversa que acabou de manter com a Senhora, *aquém da Virgem da Estrela*¹⁹.

Envolta num brilhante clarão (pensem no quadro normal das aparições), a donzela dourada, junto do juvenzinho e das suas aias, afagou maternalmente Margarida, deu-lhe ânimo para o seu labor e deixou-lhe alguns avisos críticos para o cura.

17 *Ibidem*, pp. 127, 128.

18 *Ibidem*, p. 128.

19 *Op. cit.*, p. 149.

É então que a pastora abençoada resolve ir participar ao clero o sucedido e que, durante a sua ausência, os companheiros encontram uma imagem que ela trazia consigo para ser glorificada.

E será prostrados em adoração diante da figura esculpida que quatro clérigos e um lote de pastores irão reverenciar a Senhora, cada grupo à sua maneira porque, se os religiosos são cultos e conhecem os cantares litúrgicos, os pastores apenas são capazes de trautear uma chacota. E isso que importância tem? Nenhuma, porque justamente uma das lições preferidas do católico Gil Vicente, nunca é demais repetir, tem a ver com o ensinamento de que cada um ora a seu modo e todos serão ouvidos desde que o façam com interior convicção.

A oração dos mais esclarecidos atesta a invejável capacidade lírica de Gil Vicente para a paráfrase de poemas religiosos; neste caso, trata-se do hino *O Gloriosa Domina*, aqui e ali cortado por dizeres de outros textos como o *Cântico dos Cânticos* (lá está o horto cerrado), alguns *psalmus* vindos das *Horas de Nossa Senhora* e até, talvez, certas sugestões colhidas nas *Cantigas de Santa Maria*.

A gloriosa senhora do mundo, preservada de qualquer pecado e bela como o que de mais belo há nos campos, nas serras e nos mares, antecipada pelos profetas e querida dos anjos e dos homens, é porta para o entendimento da Santíssima Trindade, mãe e ama do Verbo incarnado, saudada no Ave como resposta da piedade divina à culpa de Eva.

A chacota de quem não sabe rezar, por seu turno, recebe o fluxo dos cantares medievais, com repetição de vocábulos e ritmo em estrofes que pouco acrescentam umas às outras mas vão deixando a ideia fundamental de que a Virgem é mãe puríssima e que o nascimento teve lugar em Belém, numa pobre casa que recebeu os celestes cantores.

Ainda que sem palavras, em colóquio familiar ou em aparição, Nossa Senhora pode mostrar-se e ser admirada quando num presépio armado (o aparato do nascimento) é avistada de perto pelos pastores que os enviados do Alto, com chamamentos cantados, levaram até ela.

É assim no *Pastoril Castelhana* (entre 1502 e 1509) e na *Sebila Cassandra*.

No primeiro, depois de uma breve saudação geral, e munidos de rudimentares instrumentos musicais, os camponeses interpelam a mãe divina

sobre a pobreza das vestes de Jesus e da cabana onde ele veio a este mundo, mas só no regresso a suas casas verdadeiramente a glorificam no seu modo muito popular de engendrar estrofes que nem por isso deixam de ignorar algumas previsões das Escrituras, entre as quais, uma vez mais, o *Cântico dos Cânticos*.

A *zagala santa bendita / graciosa e morenita* é sobretudo identificada com a esposa a que dera voz Salomão; ela é, nós já o sabíamos, a pomba formosa, o lírio que floresce entre espinhos, o horto cerrado, o perfume que tudo contamina²⁰.

Em síntese cantada na *Sebila*:

Muy graciosa es la donzella	766
cómo es bella y hermosa.	
(I, p. 73.)	

Não há donzela com mais encanto, diz o conjunto lírico que graciosamente finge interpretar o parecer de um pastorzinho, de um marinheiro e de um cavaleiro.

Tenhamos, no entanto, em conta que a presença de Maria (seja como protagonista, como imagem isolada ou como figurinha de presépio) não é de modo algum necessária para que se multipliquem as vozes que a exaltam e a distinguem entre as mulheres.

Disso é um bom exemplo este mesmo auto onde, antes da esperada adoração do Menino, já as sibilas e os profetas calorosamente a tinham enaltecido.

Se a própria Cassandra algum conhecimento tinha das suas perfeições, mais vasta e intimista era a admiração explicitada pelas tias sibilas, por Moisés, Abraão e Jacob; Erutea sabe da virgindade mantida, do repouso no pobre presépio, da visita dos reis e dos pastores (São Mateus e São Lucas lá ao longe), Ciméria da sua beleza (de novo a fixação no sol e nas estrelas), da sua coragem para as batalhas do mundo (uma virgem guerreira), Peresica da sua atenção ao alvoroço da criança que talvez pensasse já na cruz vindoura; por seu turno, Isaías insiste no encanto mas sobretudo

20 Op. cit., pp. 34-35.

especifica a humildade, Moisés deslumbrá-se com a *fermosa mea columba mea*, Abraão defende que, por muito que dela se diga, nunca o suficiente será dito²¹.

Muito diz, em todo o caso, Gil Vicente em cativantes versos, quer quando a faz companheira do filho Salvador do mundo quer quando, nos falares das suas personagens, ela é invocada para perdoar erros humanos, acompanhar os desfalecidos, amparar os que vão ser julgados depois da morte.

Vêm-nos então de novo à lembrança saudações dos textos bíblicos, encontramos-nos com excertos de orações vulgarizadas como a Ave Maria ou a Salve Rainha ou diferentemente descortinamos preciosos versos a que ficamos ligados.

Alguns destes e que têm a ver com a contaminação na dor entre Maria e Jesus estão na *Alma* e são uma partilha no sofrimento durante a paixão. Trata-se da celebrada *Oração per Santo Agostinho* onde a *filha madre esposa / Virgem Maria / mansa pomba gloriosa* não cessa de derramar lágrimas pela aproximação do sacrifício final daquele a quem mais dói a tristeza dela do que o martírio que o espera²².

Vale a pena apreciar um dos belíssimos excertos:

Se se pudesse dizer	656
se se pudesse rezar	
tanta dor	
se se pudesse fazer	
podermos ver	
qual estáveis ao clavar	
do redentor.	
Ó fermosa face bela	
ó resplendor divinal	
que sentistes	
quando a cruz se pôs à vela	
e posto nela	

21 Op. cit., p. 68.

22 *Ibidem*, p. 207.

o filho celestial
que paristes.
(I, p. 208.)

Comunhão na agonia entre a Virgem e seu Filho também não falta em vários fragmentos da *Barca da Glória*.

Em risco de serem condenados pela sua má prestação na Terra, alguns importantes vultos da Igreja Católica (como, aliás, os seus pares laicos) apelam sincera e penitencialmente para o resgate que a paixão do Senhor, em seu entender, garantiu a quantos dele nunca duvidaram; entre eles, o Arcebispo, o Cardeal e o Papa muito incidem no martírio da mãe, virgem e esposa durante os terríveis dias que antecederam, acompanharam e se seguiram à morte na cruz.

Maria é uma vez mais *del cielo puerta, cerrada buerta, reina celestial, gloriosa Maria*²³.

O Papa conclui assim a sua súplica de perdão:

Oh gloriosa María 791
por las lágrimas sin cuento
que lloraste en aquel día
que tu hijo padecía
que nos libres de tormento
sin tardar
por aquel dolor sin par
cuando en tus brazos lo viste
no le pudiendo hablar
y lo viste sepultar
y sin el d'él te partiste.
(I, pp. 292-293.)

Este recíproco e nunca quebrado afeto não terá sido em vão para a humanidade; Jesus guarda consigo essa recordação, reforça com ela a sua

23 Op. cit., pp. 287, 290, 292.

capacidade de complacência com os erros dos homens e acaba por levar para junto de si os pecadores arrependidos, decisão que nem os anjos podiam prever; quando eles começam a *botar o batel às varas*, deixando na margem os grandes senhores *veo Cristo da ressurreição e repartiu por eles os remos das chagas e os levou consigo*²⁴.

A graça só de Jesus/Deus poderia descer, mas não custa admitir que sua mãe tenha sido uma poderosa intermediária.

Não esqueçamos que em sua honra, e agora num registo mais vulgarizado, se desdobra a *Feira* (1527? 1528?) *chamada das Graças*, num contexto em que se lhe atribui uma bem-humorada misericórdia para as faltas do dia-a-dia das raparigas do campo que dos feirantes se despedem com a alegre lição da cantiga que começa:

Blanca estais colorada 979
virgem sagrada

Em Belém vila do amor
da rosa nasceu a flor
virgem sagrada.
(I, p. 186.)

E acaba numa curta mas sentida profissão de amizade.

O mesmo mútuo e puro carinho também pode ser pretexto para que à Senhora clamem por ajuda os prisioneiros do limbo, como acontece na *História de Deos*, onde confessam a sua crença na quebra do seu cativo pelo Salvador, implorando: *Sufre su muerte señora / nuestra vida deseando*²⁵.

A solicitação não foi em vão; todos os encarcerados foram levados para o Paraíso.

24 Op. cit., p. 294.

25 Op. cit., p. 319.

VERBO DE DEOS CONCEBIDO

Que poderemos acrescentar sobre o Jesus, Deus e homem, que Gil Vicente traz até nós? Não demasiado, porque o essencial está implícito ou mesmo explicitado nas encruzilhadas que percorremos.

Muitos dos autos abordados são representações de Natal e, naturalmente, a veneração ao Menino está vinculada à identificação do Messias, que todos já aguardavam e acreditam oferecer ao mundo a eterna paz prometida.

A criancinha, de quem apenas se ouve o choro infantil em alguns casos, é abordada pelos presentes, anjos ou seres humanos, com palavras ou cânticos que expressam o contentamento e a emoção de quem visita o portador de um novo brilho que irá iluminar um orbe carenciado de virtudes e do verdadeiro amor ao próximo²⁶.

Ele é o elo terreno da Santíssima Trindade, afinal, o Filho que Deus Pai escolheu para o perdão através de uma vida de intimidade com os mortais e de uma morte que os liberta e que a imagem de uma cruz a encimar as palhinhas desde o seu nascimento prediz²⁷.

Da vida pública, para além de uma alusão ao *cachopinbo* que acompanha a Virgem na aparição à pastora Margarida do *Pastoril Português*, dois textos diferentes nos surpreendem com aparições de Jesus de Nazaré em distintos momentos²⁸.

Na História de Deos é particularmente curiosa a ordenação da sua atuação; sem deixar de refletir o seu parentesco global com a versão de São Mateus (mais do que com qualquer dos outros evangelistas), Vicente faz Jesus entrar na roda das personagens logo após a pregação de São João Batista; como resposta à perplexidade do Mundo, indeciso na forma de o receber, declara então dele não pretender pousada (*que o meu reino não é aqui*) mas apenas um justo aproveitamento espiritual da sua paixão, que concretiza em quatro fases, o trajeto *pola rua d'amargura*, o *pregar no madeiro*, o suspiro final e o enterramento²⁹.

26 Op. cit., pp. 31, 169.

27 *Ibidem*, pp. 48, 65, 81, 82, 153, 190.

28 *Ibidem*, p. 151.

29 *Ibidem*, p. 321.

Eu vos dei hoje lição 731
 de como haveis de orar
 e quando e de que feição
 e o que haveis de falar
 em vossa santa oração.
 Pois mais haveis de saber
 e notai isto de mim
 que quem a Deos há de haver
 lhe convém permanecer
 nas virtudes até fim
 (I, p. 361.)

Agradecidos, os Apóstolos e a protagonista põem termo ao auto cantando o *Clamabat autem*³³.

A FECHAR

Novidades no conteúdo cristão destes textos? Talvez não, mas sim o realce do que de mais importante há a reter por quem se considera fiel a Deus: uma fé sem muitas interrogações e uma fidelidade à virtude ativa.

Só que todos os preceitos nos são veiculados numa alargada e bem-disposta panóplia de gentes, contextos, vozes e atitudes que muito contribuem para um efeito simultaneamente ético e estético que ao poeta-dramaturgo ficamos a dever.

É afinal a doutrina da verdadeira Igreja filtrada por uma ampla diversidade de atuações que nos levam a deambular entre os que muito meditam e os simples de coração, entre os pobres e os ricos, os bons e os menos bons, os sofredores e os desleixados.

33 Op. cit., p. 362.